Heitor de Moraes

A VIDA É UM CAMINHO SEM VOLTA

Romance

©2023 Heitor de Moraes/Matéria Livre Editora
Rua José Kormann, 501B – Curitiba, PR

E-mail: materialivreeditora@gmail.com

Título: A Vida é um caminho sem volta

Autor: Heitor de Moraes

Editor: Matéria Livre Editora
Revisão: Aresta Textos

Capa: Nery Morell
Diagramação: Nery Morell

ESBN:

Moraes, Heitor de
A Vida é um caminho sem volta /Heitor de Moraes
Curitiba, PR

1.Romance (1ª edição) 2023

Para

Meu neto, Mike

Índice

Capítulo 1.....7

Capítulo 2.....19

Capítulo 3.....41

Capítulo 4.....57

Capítulo 5.....63

Capítulo 6.....71

Capítulo 7.....81

Capítulo 8.....99

Capítulo 9.....113

Capítulo 10.....123

Capítulo 11.....133

Capítulo 12.....145

Capítulo 13.....157

I - A garrafa PET (polietileno tereftalato) é plástico e foi patenteada em 1941 por trabalhadores da *Calico Printer's Association*, na Inglaterra. Nesta época o PET era utilizado pela empresa *DuPont*, para fins têxteis. Apenas na década de 70 que ele começou a ser usado na fabricação de embalagens. Nos primeiros anos da década de 90 começou a ser usado na fabricação de garrafas para água e refrigerantes.

1

O livro tinha tornado-se um *best seller* na Europa. Watson leu e ficou tão sensibilizado que imaginava toda a história transformada em um filme. Além de ser um devorador de livros, ele adorava cinema e ficava fascinado com a produção de cada um deles, principalmente, aquelas magníficas e famosas. Guerra e Paz, E o Vento Levou e *Star Wars* estavam na sua lista, entre muitos outros.

Watson Morris é inglês e está com 52 anos, mas não perdeu essa mania. Ele é um industrial milionário que chegou ao Brasil com 28 anos para presidir a empresa de seu pai, que tem sede em Londres, Inglaterra. Trouxe com ele seus livros e nem a dedicação pelo trabalho impediu de que ele arrumasse tempo para ler e ir ao cinema sempre que chegava um filme recomendado pela crítica inglesa ou americana.

Está casado há 22 anos com Elizabeth Amorim, uma brasileira 10 anos mais moça e de uma beleza fora do comum, que já dera a ela o título de Miss Brasil, quando tinha apenas 20 anos. Eles têm um filho com 21 anos e uma filha com 17 anos.

Watson é *CEO da WM Lean Manufacturing* (manufatura enxuta que evita desperdícios), que fabrica garrafas PET e copos de plástico, e detém quase 80% do mercado consumidor no país e 30% dos consumidores estrangeiros. Seus principais compradores são as empresas que fazem envasilhamento de água mineral. Seu pai faleceu há alguns anos e a indústria ainda ocupa o segundo lugar na fabricação de produtos de PET no Reino Unido. O logotipo *WM* é muito conhecido na Europa, mas no Brasil ele é pouco difundido devido aos movimentos de ambientalistas que condenam o plástico. A fábrica, que tinha suas dependências protegidas por alambrado, foi obrigada a trocar por um muro alto e com cerca elétrica, quando sofreu ataques de ativistas ambientalistas.

A matéria-prima dos plásticos é o petróleo. Esse é formado por uma complexa mistura de compostos. Pelo fato de estes compostos possuírem diferentes temperaturas de ebulição, é possível separá-los através de um processo conhecido como destilação ou craqueamento o que faz com que ele dure mais de 400 anos.

Elizabeth Amorim Morris, estudou até se casar e como vivia um mundo de sonhos, preferiu se manter neles, porque encontrara seu príncipe encantado, apesar de seu sentimento não ser igual ao que recebia do marido. Sua mãe era sua confidente e a aconselhou a casar com quem a amava e lhe prometia um

futuro garantido para sempre. Logo, viriam os filhos, dizia, e a vida seria mais feliz.

Realmente, Liz, como era tratada por Watson, ficou mais feliz quando o filho nasceu. Wilson chegou no segundo ano de casada e ela entregou seu tempo para ele. Quatro anos depois, nasceu Winnie, uma menina tão linda que parecia que teria a beleza de sua mãe quando crescesse.

Mas a mania, ou *hobbie* do marido era o grande concorrente do tempo de Elizabeth e dos filhos. Ele tinha umas horas só suas, quando lia um livro ou ia ao cinema. A esposa deixava as crianças com uma babá, porque ele fazia questão de não perder o que estava passando nas telas. E se ela não fosse ele iria sozinho, o que chegou a acontecer algumas vezes.

Assim, quando Watson terminou de ler o livro que o emocionou, ele disse para Liz que não iria ler outro antes que conseguisse o que tanto almejava para aquele que acabara de ler. Seu desejo era ver aquela história, escrita por uma autora inglesa, tornar-se um filme com uma grande produção, prometeu isso a si mesmo.

Para sua desilusão, nem Elizabeth e nem os filhos, quando aprenderam a ler, tornaram-se leitores assíduos. Por mais que o pai insistisse, os três odiavam os livros e até o cinema graças à essa insistência e ao tempo que os filmes e a leitura faziam com que ele se afastasse da esposa e filhos. Para Watson, a literatura e a arte cinematográfica eram uma religião. A situação piorava, quando o trabalho no comando da indústria exigia mais do tempo do que ele tinha para eles.

Wilson cresceu com esse trauma, mas via no negócio do pai um futuro garantido para ele. Estudou, passou num vestibular e foi parar em uma faculdade de Química. Ele queria ser o *COO (Chief Operation Officer)*, o diretor de operações da indústria de seu pai. As namoradas ainda não tinham tido o sucesso necessário para o conquistar. O rapaz, assim como sua mãe e irmã, também era muito bonito e não era um relacionamento mais sério que ocuparia os planos que tinha para sua vida.

Winnie chegava aos 17 anos como todos previam. Ela tinha uma beleza fora do comum, como sua mãe. Não que fosse mais bonita, mas quem sabe porque sua juventude contribuísse para a criação daquela beleza. Toda essa formosura a tornava sempre alguém para quem era dirigida a atenção. Todos pareciam querer sua amizade, fossem seus colegas na escola, ou aqueles que frequentavam o clube no qual ela constantemente estava. Como se não bastasse, Winnie era simpática e carinhosa com eles. Se alguma amiguinha ficasse com ciúmes e ela percebesse, logo deixaria de sentir. Seu carisma saía vencendo.

- Liz, – disse Watson para a esposa quando os dois se preparavam para deitar – vou precisar ir até Londres.

- Faz tempo que a *WM* não te chama lá. – ela afirmou.

- Dessa vez não vou pela indústria, meu bem.

- Tirou umas férias?

- Mais ou menos. Quero que você vá comigo.

- E as crianças?

- Não sei. Wilson tem aulas e Winnie pode não gostar de ir. Londres é tão aborrecida para moças.

- Ah!... ela vai querer ir. Como eu. Quando você quer ir?

- No começo do mês. Preciso fazer uns telefonemas primeiro.

- Vai me contar o que leva você até lá?

- Vou. Mas não agora. Preciso falar com uns ingleses...

O dois deitaram-se, conversaram sobre mais alguns assuntos, pois era a hora em que eles tinham mais tempo para cada um dizer o que tinham feito, o que estavam por fazer e como fora o dia deles. Watson tinha por hábito, acordar às seis horas, ir até o cômodo que fizera de escritório e se entregar à leitura. A esposa levantava às oito horas. Depois de escovar os dentes e "dar um jeito", como ela dizia, nas feições de sono, ainda, dirigia-se até a cozinha para ver se a cozinheira já preparara o café da manhã como o marido gostava. Ela acertava sempre. Depois ia ao escritório chamá-lo, porque estava na hora de trocar o livro pelo trabalho. Isso acontecia todos os dias, com exceção dos domingos ou se algum assunto muito sério exigisse sua presença bem cedo na fábrica.

Mas, naquela manhã Watson não levantou. Acordou na hora habitual e com um beijo na testa da esposa a despertou. Ela sorriu, porque aquele beijo, na cama, era sinal de que haveria

uma transa programada. Só não era dia para isso, ela pensou, mas não importava. Fazer amor com o marido era sempre muito bom, ainda mais fora dos dias habituais.

Eram oito horas quando o casal sentou à mesa para a refeição matinal, que sempre parecia ser de hotel 5 estrelas. Watson, Elizabeth e os filhos moravam numa cobertura de 600 m², em que da janela do escritório, ele podia ver ao longe sua fábrica. Ele usava uma luneta terrestre 60mm com aumento de 90 vezes para isso. As janelas do quarto tinham vista para a serra, também distante e as das salas para o centro da cidade, não muito perto.

Não demorou muito, Winnei fez parte daquela reunião matinal e o filho Wilson já havia passado por lá, porque suas aulas começavam cedo, e ele precisava escapar do transito da manhã. Antes de tirar a carteira de habilitação, um motorista costumava levar ele. A filha só tinha aula à tarde e sua mãe a levava depois do almoço. Para essa refeição, Watson não aparecia todos os dias.

- Winnie, *my baby*, você gostaria de conhecer Londres? – perguntou seu pai depois que ela se juntou a eles.

- *I can't believe! Are you really going to take me this time?* – a filha respondeu surpresa e perguntando se realmente o pai iria levar ela.

Watson exigiu que Elizabeth e os filhos aprendessem o idioma dele e os três se matricularam num curso de inglês. Winnie tinha 5 anos e Wilson 11 na ocasião. Meses depois de começarem o curso, ele já falava algumas frases em inglês com

eles e o resultado foi aquele que ele queria, em pouco tempo. Muitas vezes, as conversas entre os três eram em inglês.

- Mas vou te prevenir, *baby*, Londres não é lá essas coisas para meninas...

- Não sou mais menina, *daddy*. Vou fazer 18 no mês que vem. – ela o interrompeu.

- Ok. Você e tua mãe vão se divertir então.

- O Wil vai também?

- Acho que ele não vai poder ir por causa das aulas.

Elizabeth observava aquela conversa. Será que felicidade era aquilo que estava acontecendo? Ela não podia se queixar de nada. Ela era feliz. Os filhos eram felizes. Se Watson tinha pouco tempo para eles e para ela, aqueles momentos compensavam. Sua mãe tinha razão, quando disse que casar com quem a queria como esposa era um futuro garantido. E tudo tinha um preço.

Na fábrica, Watson tinha um dos diretores que era muito seu amigo. Tinha sua idade e já estava lá há vários anos. Para ele o chefe confidenciava seus problemas, quando surgiam suas tristezas e seus momentos de felicidade. Era aquele que sabia de suas manias, seus hábitos e seus "*tocs*". Watson era uma pessoa disciplinada, metódica, perfeccionista. Isso o tornava exigente e cobrava de todos um comportamento, se não igual, pelo menos parecido com o dele. O amigo dizia que as pessoas suportavam

Watson, porque ele era um artista do cinema americano... ou inglês, finalizava sorrindo.

- Roberto, meu amigo – Watson se dirigia-se ao amigo dessa forma, quando o assunto não era sobre a fábrica - preciso ir até Londres.

- Doutor Watson, algum problema com a *WM*?

- Ora, Roberto, não, não. Eu li um livro que me emocionou tremendamente. Que livro bem escrito e que história bem contada. Fantástico!

- De quem é dessa vez, Doutor?

- De uma autora inglesa. Já pesquisei a respeito, quando li os três primeiros que ela escreveu. Depois ela saiu de cena e levou anos para escrever esse que eu terminei por esses dias.

- E qual é o título?

Watson disse o nome da autora e o título do livro. Afirmou que um dos romances dela havia sido transformado em filme, mas isso já fazia tempo. O filme, que ele disse ter assistido em Londres, concorreu ao Oscar. Roberto quis saber qual era e se ele havia ganho a estatueta.

- ... não ganhou, Roberto. Que pena. Merecia! – afirmou depois de dizer o nome do filme e de qual romance da referida escritora inglesa, havia sido passado para o cinema.

- Doutor Watson, estou achando que sua viagem tem alguma coisa a ver com esse livro.

- Roberto, você me conhece bem. Sabia que ia dizer isso. – Watson sorriu e continuou contando o que pretendia fazer.

- E quando vai o senhor vai se ausentar?

- Ainda não sei. Preciso dar uns telefonemas. Vou te avisar com antecedência e ao Doutor Roger também.

Roger Evans, inglês, pouco mais moço que o chefe e segundo na direção da indústria que respondia na ausência dele. Era menos exigente do que Watson, mas não tinha a mesma simpatia e seus subordinados não gostavam muito dele. Já havia corrido um boato de que Roger tinha dado em cima de uma funcionária e que ela pedira demissão por isso. Foi o Roberto Guimarães que abafou o caso e Watson só ficou sabendo meses depois. Procurou seu braço direito e ele disse que tudo não passou de um boato. De uma invenção de quem não gostava dele.

Na residência dos Morris, o jantar teve a presença de Wilson que a pedido de seu pai, esforçava-se para estar com a família, pelo menos naquela hora, afirmava. Eles jantavam às vinte horas, pontualmente. Esse horário só mudava, quando Watson e Elizabeth iam ao cinema, porque um filme que vinha fazendo sucesso precisava ser assistido. O filho, naquela noite, foi informado da viagem que seu pai, mãe e irmã iriam fazer. Quando foi perguntado sobre a possibilidade de ele poder ir, a resposta foi aquela que Watson imaginava. As aulas na

faculdade seriam mais importantes. Ficou a promessa de todos viajarem no fim do ano.

Dias mais tarde, Watson contava para a esposa que havia falado com quem precisava e que estava em Londres. Recebeu as informações e marcou a data para a viagem. Então contou a finalidade daquela decisão.

- Liz, meu bem, eu vou encontrar um diretor do cinema inglês. Ele é famoso e a pessoa com quem eu falei dias atrás, conseguiu que esse diretor me atendesse.

- Querido, o que você está aprontando? – perguntou Liz enquanto esperavam a filha para jantarem.

Watson costumava chegar em casa por volta das dezenove horas. Ele não tinha problemas com o trânsito como seu filho tinha. A indústria possuía um helicóptero e no edifício em que o *CEO* morava havia um heliporto privado. Ficava na fábrica à disposição de alguns diretores, que, às vezes, precisavam ir até seus clientes, mas quem mais usava o aparelho era Watson.

- Eu te contei que li um livro fantástico, lembra? Pois bem, quero ver a história que foi contada no livro no cinema e para isso vou falar com o diretor que eu acho que é o melhor diretor inglês no momento.

- Você acha que ele vai aceitar dirigir o filme? Ele conhece o livro? Você imagina quanto isso pode custar?

- Meu bem, o livro tornou-se um *best seller*. É de uma escritora inglesa e tenho quase certeza de que ele já leu. Ele é bom no que faz e espera que alguém dê uma chance para ele fazer um filme.

- E quanto custa fazer um filme? Você sabe? – interrompeu a esposa que só faltava dizer que o marido estava indo longe demais nos seus sonhos.

- Sei, meu bem. E também sei como vou conseguir o dinheiro.

- Meu Deus...

- Vou marcar uma reunião com quem ficou no lugar do meu pai na sede da *WM*. Vou convencê-lo da nossa marca ser um dos produtores do filme. Vou precisar de outros, mas com a nossa participação, o nome de quem vai dirigir e, principalmente, a história que se tornou um *best seller*, vai ser mais fácil conseguir a verba para realizar meu sonho.

- Às vezes, não acredito que exista outra pessoa como você, meu amor.

Naquela noite, no jantar, os quatro estavam presentes e foi o filho quem mais se entusiasmou e apoiou o projeto do pai. Disse que ele conseguiria. Iria levar algum tempo, mas ele conseguiria. Watson chegou a levantar de seu lugar para dar um abraço no filho, que ele puxou pela mão, para poder abraçá-lo.